

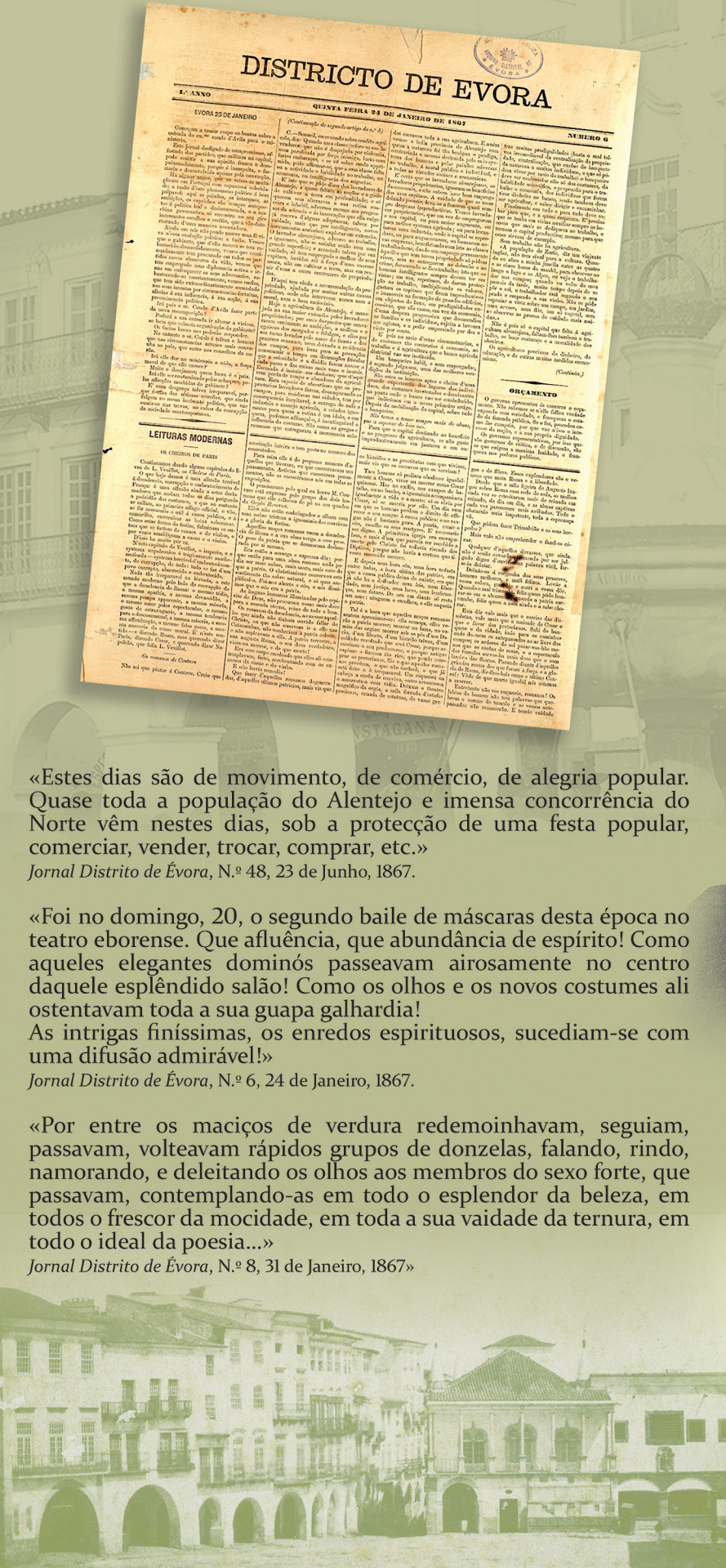
Eça de Queirós (1845-1900) estudou direito em Coimbra, ficando bacharel aos 20 anos. Chegado a Lisboa no verão de 1866, continuou a escrever no jornal Gazeta de Portugal, colaboração que iniciara em Março desse ano quando ainda era estudante em Coimbra. Em Dezembro, veio para Évora fundar o jornal *Districto de Evora*, como redactor único e director político; permaneceu na cidade até Agosto de 1867.

Foi responsável pelo jornal até ao número 58, passando-o a Francisco da Cunha Bravo, a 1 de Agosto, regressando a Lisboa. O *Districto de Evora* apenas foi publicado até Setembro desse ano.

O jornal foi criado para fazer oposição ao governo “da Fusão” (dos partidos Regenerador e Histórico), patrocinado por elementos do Partido Histórico que não concordavam com algumas políticas governamentais, onde pontificava o grande proprietário fundiário e comerciante José Maria Eugénio de Almeida. Fazendo oposição ao governo de Joaquim António de Aguiar, Eça criticaa a incapacidade de modernização do Estado, a emigração, a justiça, a educação, a saúde, a política fiscal e a reforma administrativa.

Évora, em 1867, com cerca de 12 mil habitantes, era uma sociedade conservadora onde sobressaíam o clero, as famílias brasonadas, os latifundiários e a economia agrícola. Na cidade, Eça criticou a falta de boa iluminação pública, de bom policiamento, a limpeza pública. Curiosamente, foi no início dessa década de sessenta que se iniciou na cidade a limpeza pública, se fez a renovação do hospital, se ampliou a Biblioteca Pública, o calcetamento e a colocação de candeeiros a azeite na Praça de Giraldo, a construção do Passeio Público com as Ruínas Fingidas.

Palacetes, mosteiros em mau estado e casario modesto dominam a arquitectura; serões, soirées dançantes, bailes, peças de teatro e caçadas ocupam as elites. O Círculo Eborense, a Sociedade Bota Rasa, a Sociedade Harmonia, os cafés, as feiras anuais e outros festejos, como os taurinos, e os passeios no campo são os locais e as atracções principais. Eça de Queirós não lhes ficou alheio, pois sobre eles escreveu no jornal. Ainda assim, levaria uma vida recolhida, dado o enorme esforço para redigir e dirigir o jornal. Terá alugado um quarto na Travessa dos Frades Grilos e trabalhava muitas horas na Praça de D. Pedro V, na sede do jornal que servia igualmente como escritório de advogado.



«Estes dias são de movimento, de comércio, de alegria popular. Quase toda a população do Alentejo e imensa concorrência do Norte vêm nestes dias, sob a protecção de uma festa popular, commerciar, vender, trocar, comprar, etc.»
Jornal Distrito de Évora, N.º 48, 23 de Junho, 1867.

«Foi no domingo, 20, o segundo baile de máscaras desta época no teatro eborense. Que afluência, que abundância de espírito! Como aqueles elegantes dominós passeavam airosoamente no centro daquele esplêndido salão! Como os olhos e os novos costumes ali ostentavam toda a sua guapa galhardia! As intrigas finíssimas, os enredos espirituosos, sucediam-se com uma difusão admirável!»
Jornal Distrito de Évora, N.º 6, 24 de Janeiro, 1867.

«Por entre os maciços de verdura redemoinhavam, seguiam, passavam, volteavam rápidos grupos de donzelas, falando, rindo, namorando, e deleitando os olhos aos membros do sexo forte, que passavam, contemplando-as em todo o esplendor da beleza, em todos o frescor da mocidade, em toda a sua vaidade da ternura, em todo o ideal da poesia...»
Jornal Distrito de Évora, N.º 8, 31 de Janeiro, 1867»

Roteiro Eça de Queirós em Évora



«O povo de Évora é bom, trabalhador, robusto, sensato, sossegado, sobretudo...»
Jornal Distrito de Évora, N.º 36, 12 de Maio de 1867



12 AQUEDUTO DA ÁGUA DE PRATA

Obra monumental do reinado de D. João III (1533-1537), chegou muito arruinado ao tempo de Eça de Queirós que assinalou esse facto nas páginas do seu jornal. O aqueduto (“sertoriano”, como popularmente era designado) seria reabilitado pouco depois, em 1873.

2 PALÁCIO BARAHONA

Da autoria do arquitecto Giuseppe Cinatti, de estilo neoclássico, é uma imponente residência fidalga que hospedou reis, rainhas e nobres. O proprietário, José Maria Ramalho Dinis Perdigão, começou as obras em 1859 e concluiu-as perto de 1880; em 1884, este morreu e a sua viúva e herdeira, D. Inácia Angélica Mattos Fernandes, casou-se com o Dr. Francisco Eduardo Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo, e o edifício passou a ser conhecido como Palácio Ramalho-Barahona. Actualmente funciona ali o Tribunal da Relação de Évora.

3 PASSEIO PÚBLICO

O actual Jardim Público era, quando Eça de Queirós esteve na cidade, um local de passeio, de encontros, festas e concertos. De acesso pago, teve, mais tarde, um teatro e um animatógrafo no edifício do Palácio D. Manuel. A Câmara Municipal de Évora iniciou planos para criar este local de lazer em 1863, com o traço do arquitecto Guizeppi Cinatti e com o patrocínio de José Maria Ramalho Dinis Perdigão. O coreto foi ali instalado em 1877.

5 PRAÇA DO GIRALDO

Praça principal da cidade, desde há séculos, o nome actual foi-lhe dado em 1869. Só deixou de ser um terreiro em 1863, ano em que foi calcetada; a iluminação eléctrica é de 1910. A Igreja de Santo Antão na sua forma actual e a fonte renascentista são do tempo do Cardeal D. Henrique, arcebispo da cidade. Em 1867 chama-se *Praça Grande* e mantém-se o coração da cidade. Ali se sediavam os Paços do Concelho, o Tribunal e a Cadeia (onde é hoje o Banco de Portugal). Ali se situavam os cafés mais populares e bem frequentados, o comércio mais significativo e a Sociedade Civilizadora União Eborense, criada em 1839, e conhecida, até hoje, por Sociedade Bota Rasa, da qual Eça de Queirós se fez sócio mal chegado à cidade.

6 RUA JOÃO DE DEUS

A Rua João de Deus, então Rua Ancha, ligava a praça principal com outra importante, a Praça da Porta Nova, actual Praça Luís de Camões. Era percorrida diariamente por Eça de Queirós no percurso entre a pensão e o jornal; nela se situava o mais moderno café da cidade, o Esperança. Na Rua do Imaginário, então denominada Beco do Imaginário, situava-se o jornal *Folha do Sul*, defensor do governo central e da câmara municipal, que manteve acesas polémicas com Eça de Queirós.

7 TRAVESSA DOS FRADES GRILOS

Situada entre a Rua Romão Ramalho e a Rua do Raimundo, é apontada como o local onde Eça de Queirós residiu enquanto permaneceu em Évora. Há quem aponte como outras moradas de Eça na cidade a Travessa da Mangalaça e a própria sede do jornal, na Praça D. Pedro V.

8 TEATRO DAS CASAS PINTADAS

Primeiro teatro público em Évora, situado na Rua das Casas Pintadas, já funcionava em 1843 quando D. Maria II ali assistiu a uma récita. No jornal que dirigiu, Eça comentou vários espectáculos ali realizados e criticou o mau estado de conservação do edifício. Em 1884, já em ruínas, o teatro foi vendido em hasta pública. Poucos anos depois, construiu-se na cidade o Teatro Garcia de Resende, no topo da praça onde se situara o jornal *Distrito de Evora*.

9 PRAÇA DE D. PEDRO

No n.º 3A desta praça, no primeiro andar, em 1867, em cujo rés-do-chão já funcionava uma tipografia, foram instaladas a sede, a redacção e a administração do *Distrito de Evora*; aí passou a funcionar também o escritório de advogado de Eça. Na fachada deste prédio está afixada, desde 1950, uma placa evocativa da presença de Eça de Queirós na cidade.

10 LICEU DE ÉVORA

O Liceu Nacional de Évora foi fundado em 1841 no edifício onde funcionara o Colégio do Espírito Santo da antiga Universidade de Évora (1559-1759). Eça escreveu no seu jornal sobre a vida académica; os estudantes do Liceu trajavam de capa e batina desde 1860. Actualmente, é o edifício central da nova Universidade de Évora.

11 BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Foi fundada em 1805 por D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas. Em 1867 era seu director o Dr. Augusto Filipe Simões que desempenhou o cargo entre 1864 e 1872. Este opositor político do escritor, que escrevia no *Folha do Sul*, marcou positivamente a história da Biblioteca por ter coordenado a reestruturação do edifício, enriquecido e estudado as suas colecções que na época incluíam espólio museológico (com o qual já no século XX se viria a criar o Museu de Évora).

4 PRAÇA DE TOUROS DAS MERCÊS

Localizada na Rua do Raimundo, junto à igreja das Mercês, terá sido a primeira da cidade; Eça escreveu no seu jornal sobre as touradas aí realizadas. No local existe agora um hotel, mas parte da fachada revela, ainda, a circularidade da desaparecida praça de touros.

1 ROSSIO DE S. BRÁS

Ainda hoje é o maior espaço público aberto da cidade; servia, na época, múltiplas funções e actividades sócio-culturais e recreativas com destaque para a realização da Feira de S. João (desde o século XVI) e mercados de gados.